



# VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

## “Educação e Contemporaneidade” 19 a 21 de setembro de 2013

ISSN 1982-3657



**Resumo:** O seguinte artigo apresenta reflexões feitas sobre o processo avaliativo em uma turma do projeto PIBIX “A Aula de Inglês para Iniciantes” durante os meses de março a junho. Os dados foram coletados durante a aplicação de exercícios enviados por e-mail, através de discussões e atividades propostas em sala de aula e de uma prova formal. Inicialmente, discutiremos a função inicial da avaliação como recurso classificatório dos alunos para as séries seguintes, chegando a proposta de um conceito de avaliação a serviço da aprendizagem, baseada num processo contínuo que não deve ser utilizado apenas para atribuição de notas, mas para acompanhar a evolução do aluno e melhorar o trabalho. Três modalidades avaliativas serão, então, apresentadas. Finalmente, vantagens e desvantagens serão consideradas com o objetivo de propor o uso das referidas modalidades em conjunto.

**Palavras-chave:** avaliação, processo contínuo, aprendizagem.

**Abstract:** The following article presents reflections about the process of evaluation applied to one of the groups of the PIBIX project "The English Class for Beginners" from March to June. Information was collected during the application of exercises sent by e-mail, through discussions and activities proposed in the classroom and by means of a formal exam. Firstly, we will discuss the initial function of evaluation as a classificatory resource of students for the following grades, by reaching the proposal of a concept of evaluation towards the service of learning, based on a continuous process that should not be used only for the assignment of grades but to monitor the evolution of students and to improve work. Then, three evaluative modalities will be presented. Finally, advantages and disadvantages will be considered with the objective of proposing the use of such modalities together.

**Keywords:** Assessment, continuous process, learning.

### Introdução

Durante décadas a avaliação foi vista como um mecanismo cuja função era selecionar os alunos aptos a continuar a escolaridade. Sendo assim, o ciclo comum era aplicar provas para que notas fossem atribuídas, resultando na classificação dos alunos. De acordo com Libâneo (1994), esse processo reduzia a avaliação à cobrança do que o aluno memorizara e a nota passava a ser apenas um instrumento de controle formal e não educativo. Provavelmente essa seja a razão para que a palavra prova tenha se tornado motivo de tensão entre os alunos, uma vez que era aplicada como forma de cobrar conteúdos ensinados de forma mecânica e sem muito significado para eles, deixando de “assumir a função de subsidiar a construção da aprendizagem bem-sucedida (LUCKESI, 1998, p.166).

Pensando em tornar a avaliação mais significativa propõe-se considerá-la como recurso favorável não só à aprendizagem do discente como também ao trabalho do professor, que assume o papel de acompanhar e reorientar a construção dos resultados esperados. O respaldo teórico deu-se a partir das contribuições feitas por Arredondo e Diago (2009), Domini; Platero; Weigel (2010), Furlan (2007), Haydt (2008), Hoffman (2010), Libâneo (1994), Luckesi (1998), Moretto (2005) e Vasconcellos (2000).

As reflexões apresentadas partiram do que foi observado durante as aulas desenvolvidas em uma das

turmas do projeto PIBIX "A Aula de Inglês para Iniciantes" entre os meses de março a junho do ano corrente. Esse projeto é desenvolvido na Universidade Federal de Sergipe e tem como objetivo oferecer às comunidades interna e externa a aprendizagem de uma língua estrangeira. As aulas são ministradas no CODAP (Colégio de Aplicação), às terças e quintas, das 18h00 às 19h30, sob a supervisão das coordenadoras responsáveis pelo projeto.

Durante a execução do projeto – ainda em andamento - foram utilizadas três modalidades avaliativas: diagnóstica, formativa e somativa. Sendo assim, tanto os exercícios propostos, como as discussões, a prova e as pequenas apresentações feitas pelos discentes formaram o corpus utilizado no presente trabalho. Além de relacionar algumas características de cada modalidade aplicada também serão apresentados pontos positivos e negativos das mesmas.

Finalmente, será constatado que as três modalidades, se aplicadas sozinhas, não dão conta de um ensino eficiente. Entretanto, se trabalhadas em conjunto, é possível promover a superação das dificuldades que os discentes enfrentam durante a aprendizagem, uma vez que não só os alunos são avaliados, como também é o professor, já que o mesmo tem um retorno do seu próprio trabalho e a oportunidade de mudar sua prática.

### **A avaliação a serviço da aprendizagem**

Para Libâneo (1994) "a avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem". Portanto, é através da avaliação vista como um processo e não algo acabado ou para ser utilizado em um único momento, que o professor consegue constatar quais são os progressos e as obstáculos que vão surgindo durante o trabalho permitindo que sejam feitas as correções necessárias.

A avaliação passar a ser um componente central da atividade pedagógica e é definida por Casanova como:

"um processo sistemático e rigoroso de coleta de dados, incorporado ao processo educacional desde o início, de maneira que seja possível dispor de informação contínua e significativa para conhecer a situação, formar juízos de valor com respeito a ela e tomar as decisões adequadas para prosseguir a atividade educacional, melhorando-a progressivamente". (apud ARREDONDO E DIAGO, 2009, p. 36)

Segundo Vasconcellos (2000, p. 76), a avaliação deve ser vista como um excelente material de análise para o professor, já que revela como o aluno está processando o que é ensinado facilitando, assim, a reorientação da construção do conhecimento. Para cumprir essa função de auxílio do ensino-aprendizagem, contudo, ela deve ser aplicada no processo de forma contínua.

Esse recurso, que por muito tempo foi utilizado como promoção, permitindo ao discente o acesso a outras séries, avançou lentamente até chegar a uma concepção de avaliação tal como defende Vasconcellos (apud FURLAN, 2007, p.40) "[...] deve ser um processo abrangente da existência humana, que implica reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisões sobre as próximas atividades didáticas." Com isso, o professor pode não só acompanhar os progressos promovidos através de suas práticas em sala, como também tem a oportunidade de agir diante dos obstáculos que vão surgindo. Ele consegue mapear o progresso dos alunos e tornar o processo avaliativo um momento privilegiado (Moretto, 2005) contribuindo para que os discentes aprendam mais e melhor.

Essa nova visão avaliativa não contribui somente para a condução que o professor dará ao trabalho, mas também para que o aluno tenha seus ganhos, pois tem a chance de reconhecer em qual patamar encontra-se, tal como cita Luckesi (1998, p. 83):

O aluno, por sua vez, poderá estar permanentemente descobrindo em que nível de aprendizagem se encontra, dentro de sua atividade escolar, adquirindo consciência do seu limite e das necessidades de avanço. Além disso, os resultados manifestados por meio dos instrumentos de avaliação poderão auxiliar o aluno num processo de automotivação, na medida em que lhes fornece consciência dos níveis obtidos de aprendizagem.

### **Modalidades de avaliação**

Quando se pensa em avaliação logo surge um questionamento: Para que avaliar Refletindo sobre esse questionamento Haydt (2008) propõe três funções básicas que são diagnosticar, controlar e classificar. Estas funções ganham relevância ao compor três diferentes tipos de avaliação da aprendizagem: a diagnóstica, a formativa e a somativa.

Segundo Arredondo e Diago (2009, p.56) "as funções que se atribuem à avaliação, por fazerem parte do processo educacional, diversificam-se conforme as necessidades do processo". Com isso, é indispensável utilizar a modalidade avaliativa apropriada para cada objetivo a ser atingido e conforme cada momento tal como proposto por Casanova (1992) ao dizer que:

"[...] em concordância com as funções que sejam atribuídas, em cada caso, à avaliação, com as necessidades a que seja preciso atender nos diferentes momentos da vida de uma escola ou com os componentes que tenham sido selecionados, procede utilizar as modalidades ou tipos de avaliação que resultem mais apropriados para o objeto de estudo, da pesquisa ou do trabalho que se apreende." (apud ARREDONDO E DIAGO, 2009, p. 56)

A avaliação diagnóstica acontece no início de uma unidade, semestre ou de um ano de trabalho, momento este em que o professor está conhecendo os alunos e fornece dados relevantes para que o planejamento seja ajustado e para que sejam feitas intervenções para melhorar o aprendizado. Através dela é possível obter informações sobre o conhecimento prévio dos alunos, como também sobre as características de aprendizagem dos mesmos, para assim escolher que tipo de trabalho será o mais adequado nas futuras ações pedagógicas. A esse respeito, Arredondo e Diago (2009, p. 57) dizem que a "função diagnóstica da avaliação satisfaz a necessidade de conhecer os pressupostos de partida para implementar qualquer ação pedagógica", é esse conhecimento que permite o professor configurar as estratégias que usará e fazer os ajustes no programa de ensino. Apesar de ser utilizada no início, a exemplo de um novo ano letivo, essa modalidade é um mapeamento inicial que deve ser reconfigurado constantemente através das observações que não devem cessar. É um trabalho que deve ser aplicado ao planejamento que o professor faz no início de um ano letivo sem ter contato com os alunos e que pode e deve ser adaptado frente às necessidades que vierem a surgir.

A formativa realiza-se ao longo de todo o processo educacional através da coleta de dados e, para Arredondo e Diago (2009, p. 63), ela "serve como estratégia de melhora para ajustar e regular os processos educacionais em andamento". Através dela é possível modificar ou até mesmo reforçar o que foi planejado, pois é possível detectar os erros de aprendizagem, a fim de poder corrigi-los, como também identificar os aspectos que ainda não foram dominados. Neste sentido, Arredondo e Diago (2009, p. 61) afirmam que "a avaliação processual/ formativa é de grande importância dentro da concepção educacional da avaliação, visto que permite tomar decisões de melhora em andamento, em benefício ou apoio dos principais protagonistas: alunos e professores."

Por fim, a avaliação somativa centraliza-se no ponto de chegada uma vez que busca verificar aquilo que o aluno efetivamente aprendeu e é aplicada no final de um período previamente determinado sendo geralmente associada a instrumentos formais como provas e testes (Domini; Platero; Weigel, 2010). Sendo assim, "é a avaliação final que determina a consecução dos objetivos propostos no fim de um

processo ou de um período instrutivo e tem uma função sancionadora na medida em que permite decidir a aprovação ou não em uma matéria, a promoção ou não para o ano seguinte ou a obtenção ou não de uma determinada graduação.” (Arredondo e Diago, 2009, p. 63)

## **Reflexões**

O processo avaliativo no projeto foi conduzido por intermédio de diversos recursos como exercícios semanais que eram enviados por e-mail, discussões sobre temas propostos, atividades aplicadas na classe, prova formal e pequenas apresentações feitas pelos discentes.

Tecendo uma análise do que foi aplicado tanto em nível de atividades como de prova elaborada percebeu-se que a avaliação diagnóstica foi essencial uma vez que me permitiu perceber quais temas poderiam ser adicionados às aulas. Apesar de o livro ser um guia que fez parte de um planejamento inicial, materiais extras foram inseridos de acordo com o interesse e vivência dos alunos; o que poderia ser utilizado fora de um contexto foi aplicado em situações atrativas como: uso da língua numa festa que eles tinham programado ir ou numa atividade com familiares ou amigos, tendo como foco tornar o aprendizado significativo dentro do que fazia parte da vivência deles. Fiz um maior uso de recursos como músicas, filmes e seriados que eles já utilizavam para estar em contato com o inglês. Dessa forma, eles eram mobilizados a atingir os objetivos pretendidos e passavam a utilizar mais esses recursos fora da sala de aula.

Um exemplo efetivo foi na aula sobre “*Free time*”, tema da unidade proposta pelo livro que foi enriquecida com citações sobre a relação entre tempo e dinheiro. A escolha das citações foi motivada por uma conversa anterior na qual os alunos relatavam como gerenciavam o tempo. Ao estabelecer uma conexão entre o tema e a preocupação com a vida particular a aula foi mais proveitosa, uma vez que os alunos participaram e trabalharam juntos para expressar ideias na língua adicional. Outro fator positivo foi poder sanar uma preocupação dos discentes ligada à “falta de vocabulário” em inglês, considerando que geralmente eles ficavam inibidos a falar por não saber o equivalente na língua alvo, mas começar as unidades construindo um vocabulário em conjunto propiciou uma maior confiança nas aulas seguintes. Essa observação está ligada ao pensamento de Haydt (2008) em que “pela avaliação diagnóstica, o professor constata se os alunos estão ou não preparados para adquirir novos conhecimentos e identifica as dificuldades”. Outra intervenção foi quanto ao ensino da gramática, que seguia de forma indutiva tal qual aprecia a abordagem comunicativa, mas que não estava alcançando todos os alunos. Após a inserção do ensino dedutivo (feita dentro de uma mesclagem), os alunos que antes não compreendiam o que era explicado ficaram animados, otimistas e questionadores.

A avaliação formativa foi desenvolvida através dos exercícios tanto enviados por e-mail quanto os propostos em sala, discussões e pequenas apresentações. Durante a execução dessas atividades os alunos apresentavam as dificuldades que surgiam e assim era possível buscar uma solução para esses problemas sem acumular dúvidas. Haydt (2008) relembra que esta visa “determinar se o aluno domina gradativa e hierarquicamente cada etapa da instrução, porque antes de prosseguir para uma etapa subsequente de ensino- aprendizagem, os objetivos em questão, de uma ou de outra forma, devem ter seu alcance assegurado”. Além disso, existem outros pontos que também merecem destaque: os alunos sentem-se à vontade para expressar suas incertezas sem se sentirem pressionados e percebem quais objetivos já conseguiram alcançar durante o processo reconhecendo como está sua evolução. Por diversas vezes foi possível vê-los engajados no processo trocando conhecimento sem esperar que eu, enquanto professora, fizesse intervenções. A forma de abordar as dificuldades deu-se através de conversas, e não de cobranças, e os erros tornaram-se oportunidades de aprendizado que eles reconheciam e encontravam estímulo para superar. Infelizmente, nem todos os alunos ficam engajados nesta modalidade e passam a questionar se a atividade vale ponto e quanto ser-lhes-á dado; outros deixam de respondê-la por algum motivo - a exemplo da falta de tempo - e isso foi um fato curioso pois os alunos que demonstravam maior conhecimento eram justamente os que pareciam não valorizar esse recurso; outros preenchem os

espaços com respostas vagas pelo simples fato de ter uma pontuação ou como se estivessem fazendo-a para o professor e outros faziam cópia do que o colega havia produzido sem apresentar seu verdadeiro progresso. Outro fato que chamou a atenção foram as respostas dadas às questões dissertativas sobre os tópicos solicitados em que um dos alunos sempre repetia a frase "I don't have (o tema em questão)" e que chegava a ser contrário quando o mesmo, ao usar da oralidade, apresentava ter o que havia sido proposto. Este é um fato que deverá ser considerado e estudado em pesquisas vindouras.

A avaliação somativa foi aplicada no fim do semestre através de uma prova. Pude perceber ansiedade e angústia por parte dos discentes que passaram a ficar apenas preocupados com a nota. Esse aluno é definido por Vasconcellos (2000) como aquele que "acaba não aprendendo, mas só apresentando um comportamento de memória superficial". Esse pensamento foi claramente percebido, pois alguns nem mesmo conseguiram lembrar do que já haviam aprendido e manifestavam em uso durante a avaliação formativa. Essa problemática corrobora o juízo de que nem sempre é possível considerar a prova como um instrumento confiável, uma vez que o estado emocional do aluno interfere no resultado final. Isso foi constatado durante a correção da prova em que alguns dos alunos que desenvolviam boas ideias durante a avaliação formativa não obteriam tão bom resultado no final da prova. Muitos passaram a ficar calados, sem questionamentos, enquanto outros só queriam saber o que estaria na prova como se fossem encontrar armadilhas; outros até tentaram barganhar a substituição da prova por mais exercícios ou qualquer outra coisa e um fator que amenizou a tensão durante a avaliação foi a feitura da mesma diante do que fora trabalhado durante as aulas, sem pegadinhas, com questões em que o discente também poderia apresentar, com suas próprias palavras, aquilo que lera e ouvira além das que já tinham uma resposta específica a ser esperada. Após a prova, notou-se que apenas duas perguntas passaram a ser feitas: "Quanto foi que tirei" ou " Qual foi minha nota" mostrando que, possivelmente, os alunos não estavam preocupados em ver os erros apresentados na prova como algo significativo. Esse fato impulsiona mais uma consideração, já que o momento de entrega da prova não deve ser utilizado como uma simples devolução de papéis com marcações de erro e, sim, um momento para tecer comentários e sanar os problemas que surgiram, visto que essa atitude também permite ao professor conhecer o quão eficiente, ou não, é o seu trabalho. Infelizmente, um dado constatado foi que apesar de ser conceituada de forma negativa, a avaliação ainda é um recurso que impulsiona os alunos a reconhecerem que precisam dedicar tempo aos estudos, ainda que apenas dias antes da aplicação da mesma, ato que não pode ser considerado excelente, principalmente para os que não estavam engajados durante a avaliação formativa.

## **Conclusão**

Após a observação dos dados foi possível concluir que a avaliação é um recurso que favorece o trabalho do professor, já que auxilia no processo de ensino- aprendizagem, sendo um mediador entre o que se ensina e o que é aprendido. Portanto, a avaliação deve ser contínua, possibilitando ao discente acompanhar a construção do conhecimento no cotidiano da sala de aula tal como defende Vasconcellos (2000). Vale ressaltar que sendo vista como um processo, a mesma deve contar com a participação não só do professor como do aluno, juntos engajados para a efetivação da aprendizagem.

Mais que classificar ou promover, o processo avaliativo envolve ações em benefício dos educandos levando-os a aperfeiçoar os percursos trilhados, buscando a superação das dificuldades e um reforço do que foi apreendido. Cabe ao professor, portanto, tornar a avaliação como objeto de análise que precisa ser retomado por ele e pelos alunos, como resposta do que tem sido feito na busca do progresso.

Os resultados indicam que não é possível fazer uso de uma única modalidade avaliativa, elas precisam ser trabalhadas em conjunto e o professor tem a responsabilidade de conhecer a função de cada uma delas e utilizá-las no momento adequado.

Finalmente, foi constatado que as três modalidades quando aplicadas sozinhas não darão conta de um ensino eficiente, mas se trabalhadas em conjunto é possível superar os obstáculos que os discentes enfrentam durante a aprendizagem, uma vez que não só os alunos são avaliados, como também o

professor, já que o mesmo tem um retorno do seu próprio trabalho, tendo a oportunidade de mudar sua prática.

Hoffman (2010) diz que "cada manifestação do aluno é um indício de continuidade, por onde o professor deve prosseguir"; isso não quer dizer, no entanto, que o aluno não apresentará problemas durante o aprendizado, mas que é o termômetro que indica como está sendo o ensino e quais adequações precisam ser feitas para favorecer a evolução do educando. O erro deve ganhar uma nova roupagem, deixar de ser algo negativo e passar a ser construtivo (FURLAN, 2007) e isso só acontece se o professor passar a valorizá-lo.

A prova escrita é um registro concreto que supre a necessidade de um sistema, uma vez que uma caderneta precisa ser preenchida com um número, mas o professor não deve permitir que uma prova aplicada no final de um conjunto de unidades seja hipervalorizado deixando o acompanhamento diário tornar-se algo insignificante.

É importante que o professor saiba utilizar esse recurso chamado avaliação de forma eficiente uma vez que o objeto é a aprendizagem do discente e, para chegar lá, a trajetória irá revelar muito, quer progresso ou fracasso, que se utilizado em favor do aluno permitirá uma efetivação do objetivo inicial.

## Referências

ARREDONDO, Santiago Castillo; DIAGO, Jesus Cabrerizo. A avaliação na educação. In:\_\_\_\_\_. **Avaliação educacional e promoção escolar**. São Paulo: UNESP, 2009

DONNINI, Livia; PLATERO, Luciana; WEIGEL, Adriana. Avaliação. In:\_\_\_\_\_. **Ensino de língua inglesa**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

FURLAN, Maria Ignez Carlin. **Avaliação da aprendizagem escolar**: Convergência, divergências. São Paulo: Annablume, 2007.

HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do processo ensino- aprendizagem**. São Paulo: Editora Ática, 2008.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliar para promover**: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2009.

LIBNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1998.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova**: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação** concepção dialética – libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: Libertad, 2000.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. São Paulo: Artmed, 1998.